

*Dos afetos em psicanálise*

VINÍCIUS DUTRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

VINÍCIUS DUTRA

**DOS AFETOS EM PSICANÁLISE**

Porto Alegre

2022

VINÍCIUS DUTRA

## **DOS AFETOS EM PSICANÁLISE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, do Departamento de Psicanálise da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Moschen

Porto Alegre

2022

## **FOLHA DE AVALIAÇÃO**

Dutra, Vinícius. *Dos afetos em psicanálise*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia. Departamento de Psicanálise e Psicopatologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

### COMISSÃO EXAMINADORA

---

**Profa. Dra. Simone Zanon Moschen**

Orientadora

---

**Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker**

Universidade de São Paulo (USP)

---

**Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

**Prof. Dr. Vladimir Pinheiro Safatle**

Universidade de São Paulo (USP)

*A todos aqueles que ainda virão  
a escutar a subversão de Lacan.*

## AGRADECIMENTOS

Não teria como não começar agradecendo aos meus pais, Nadir Borba e Paulo Dutra, dois proletários que fizeram o impossível para que eu pudesse, sob condições econômicas adversas algumas vezes, construir uma formação sólida ao longo da minha trajetória intelectual até aqui. É verdade que o nome “Vinícius” atribuído a mim foi dado em alusão a um poeta brasileiro, mas o que não é um teórico senão um poeta a partir de outros termos? O resultado dessa outra forma de trabalhar com a linguagem se encontra ao longo das próximas páginas. Estendo também meus agradecimentos a todas as pessoas que tornaram possível os capítulos desta dissertação:

À professora Simone Moschen, que foi não só uma orientadora atenta aos impasses em que eu costumava ficar preso, como também alguém que soube escutar o projeto que eu desejava realizar na psicanálise.

Ao meu grande amigo Jeferson Rocha, que contribuiu, de maneira decisiva, por meio de amplas conversas em longas caminhadas pela vida, para que eu pudesse complexificar as ideias que pretendia defender. É de autoria dele tanto a sugestão de alguns títulos dos capítulos da dissertação quanto a excelente revisão que empreendeu em minhas idiosincrasias textuais. A Fernanda Figueiredo, minha grande amiga, com quem trilhei o Percurso de Escola na Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), com quem também dividi consultório, com quem compartilho as misérias da vida. Agradeço por ter muitas vezes escutado meus piores momentos de angústia com as páginas por vezes “incompreensíveis” de Lacan. É dela a revisão crítica das traduções que fiz das referências de língua inglesa. Aproveito também para agradecer a Suélen Meleu, minha professora de francês, que colaborou na revisão cuidadosa das traduções que realizei das obras de língua francesa.

Ao professor Francisco Rüdiger, com o qual tive a oportunidade de ter disciplinas sobre autores como Nietzsche, Heidegger e Weber. Agradeço pela paciência de me ajudar nos meus primeiros passos com a dialética negativa e por ter lido de forma bastante crítica o meu projeto de qualificação. Guardo com atenção sua provocação: “há um filósofo recalcado no seu texto, resta saber se conseguirá realmente escutá-lo”. Agradeço, ainda, à professora Kathrin Rosenfield, que aceitou me orientar em um projeto de iniciação científica na graduação em Filosofia (Bacharelado) sobre a teoria do sujeito na *Dialética negativa* de Adorno, autor que de certa forma está implícito na minha forma de trabalhar aqui. Também

gostaria de fazer um agradecimento ao professor Alexandre Rocha (*in memoriam*), por ter me deixado várias inquietações “deleuzianas” sobre o pensamento de Lacan ao longo da orientação da minha monografia na graduação. De certa forma, o capítulo sobre o corpo é uma resposta a uma de suas críticas à psicanálise lacaniana.

À professora Ana Costa, pela indicação, no momento de qualificação do projeto, de que eu sinalizasse o escopo da obra de Lacan com a qual me envolveria. À professora Marta D’Agord, com quem tive a melhor das disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, intitulada *Psicanálise e topologia*, em que de fato havia uma interrogação conceitual, coisa cada vez mais rara em um campo em que os conceitos facilmente viram um dado natural, sem grandes questionamentos das mediações históricas que estão aglutinadas na formação deles. Agradeço a ela também pela provocação de que eu buscasse justificativas para a constelação de pontos com os quais gostaria de trabalhar. Tentei explicitá-las ao máximo desta vez.

Ao professor Vladimir Safatle, com o qual eu tenderia a dizer que tenho uma “dívida”, pois é o intelectual vivo, ao lado de Judith Butler, que mais influenciou na minha maneira de pensar. As questões que ele levantou na banca de qualificação possibilitaram que esta dissertação pudesse alcançar a forma que ganhou. Ao professor Christian Dunker, que, além de ter aceito o convite para estar presente na banca de defesa, certamente possibilita ao campo psicanalítico brasileiro que ele não se esqueça de uma palavra central como “crítica”.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos alunos da disciplina *Psicopatologia e cultura*, em que realizei o estágio docência. Ao longo das aulas e, em particular, dos grupos que acompanhei, perguntei-me várias vezes como abordar a psicanálise de forma tal que o espírito subversivo dela pudesse estar presente. Essa questão também não deixou de ressoar nos dois cursos de extensão que tive a oportunidade de ministrar. Em um deles, *O corpo na psicanálise*, sou profundamente grato aos alunos pelas interrogações que fizeram em torno do corpo em Lacan. De certa forma, contribuíram inclusive para a formulação da reflexão que apresento no terceiro capítulo desta dissertação. Da mesma maneira, agradeço aos alunos do curso de extensão *O valor da crítica: Butler e a psicanálise*, por terem me ajudado com diversos questionamentos nesse empreendimento sobre pós-estruturalismo e psicanálise que inaugura então o projeto de trabalho que pretendo levar adiante nos próximos dez anos.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central a discussão a respeito da noção de afeto na psicanálise oriunda do pensamento de Jacques Lacan, tendo em vista que ele recebeu uma crítica inicial de André Green de que a sua metapsicologia era fundada na exclusão explícita do afeto. Sendo assim, apresentamos inicialmente não só as justificativas fornecidas por Green para a produção de seu diagnóstico, como também tentamos indicar os limites envolvidos na sua própria compreensão a respeito da teoria de Lacan. Sem dizer que Green está totalmente equivocado, buscamos examinar o que contribuiu em nível histórico para que Lacan não pudesse positivar um discurso fácil em torno do afeto na primeira década de seu ensino. Desse modo, exploramos comentários de Lacan em torno de alguns psicanalistas de sua época com o intuito de esclarecer como a clínica que advogava um horizonte analítico a partir do afeto acabou por produzir a imagem mais drástica contra a qual Lacan se rebelou, uma prática profundamente marcada por interpretações imaginárias. Para entender um pouco melhor como ele conseguiu tomar uma posição crítica diante desse fenômeno, passamos pelo problema do corpo na psicanálise lacaniana a fim de defender, entre outras coisas, que a crítica à dualidade imaginária só foi possível porque Lacan tinha em mente uma “falha” em nossa constituição corporal, a saber, que o eu *é* outro. Por fim, expomos as principais ideias de Lacan quando ele positivava um discurso sobre um afeto como a angústia para, além de responder à crítica de que negligenciava o afeto na experiência analítica, inventar um objeto negativo por excelência, o objeto *a*. Este último ponto colabora para que se indique que há todo um pensamento sobre a ação aglutinado na especulação lacaniana em torno da angústia.

Palavras-chave: Jacques Lacan. André Green. Afeto. Corpo. Angústia.



## ABSTRACT

The present work has as its central objective the discussion about the notion of affect in psychoanalysis which comes from the thought of Jacques Lacan, considering that he had received an initial criticism from André Green that his metapsychology was founded on the explicit exclusion of affect. Therefore, we initially present not only the justifications provided by Green for the production of his diagnosis, but also try to indicate the limits involved in his own understanding of Lacan's theory. Without saying that Green is totally wrong, we seek to examine what contributed at a historical level so that Lacan could not positivise an easy discourse on affection in the first decade of his teaching. In this way, we explore Lacan's comments about some psychoanalysts of his time in order to clarify how the clinic that advocated an analytical horizon based on affection ended up producing the most drastic image which Lacan rebelled against, a practice deeply marked by imaginary interpretations. To understand a little better how he managed to take a critical position in the face of this phenomenon, we go through the problem of the body in Lacanian psychoanalysis in order to defend, among other things, that the criticism of the imaginary duality was only possible because Lacan had in mind a "failure" in our bodily constitution, namely, that the ego *is* another. Finally, we expose Lacan's main ideas when he positivises a discourse on an affect such as anguish to, in addition to responding to the criticism that he neglected affect in the analytic experience, invent an eminently negative object, the o-object (*objet petit a*). This last point collaborates to indicate that there is a whole thought about action agglutinated in the Lacanian speculation around anguish.

Keywords: Jacques Lacan. André Green. Affect. Body. Anguish.

## SUMÁRIO

Introdução	
<b>A querela dos afetos</b>	11
Capítulo I	
<b>Um diagnóstico crítico</b>	25
A crítica de André Green à psicanálise lacaniana: o afeto negligenciado	28
A disputa em torno da herança freudiana	40
A posição de Jacques Lacan: a “plasticidade” do afeto	48
Capítulo II	
<b>Para além de uma clínica dual</b>	63
“Os sentimentos são sempre recíprocos”: a transmissão de rádio de Margaret Little	68
“A tosse é uma mensagem do Outro”: sobre o relato clínico de Ella Sharpe	78
O “uso” dos sentimentos do analista em Paula Heimann e Roger Money-Kyrle	89
Capítulo III	
<b>Um corpo para os afetos</b>	100
O estádio do espelho: o efeito formador de uma <i>Gestalt</i>	105
O modelo óptico: a introdução do espelho do Outro	120
Os objetos parciais: o despedaçamento corporal	130
Capítulo IV	
<b>A certeza da angústia</b>	140
A angústia é a sensação do desejo do Outro	148
<i>Unheimlichkeit</i>	158
A angústia não é sem objeto	167
Entreato	
<b>O ato analítico</b>	181
Conclusão	
<b>O prelúdio da ação</b>	185
Referências	197

INTRODUÇÃO

*A querela dos afetos*

Um analista geralmente pode escutar em sua clínica alguém reclamando de como suas obsessões o deixam nervoso, de como sua procura em identificar o desejo do Outro não deixa de produzir uma sensação de preocupação. Em suma, seria fácil de imaginar que a psicanálise estaria facilmente às voltas de problemas emocionais de toda ordem. No entanto, talvez fosse o caso de construir aqui uma cena ilustrativa em que dois filhos de um analista procuram as referências psicanalíticas de seu pai na estante de livros de seu consultório. Ao fazerem isso, um certo espanto sobe à cena ao descobrirem que nas prateleiras residem livros peculiares tendo em vista a própria função que seu pai ocupa, a de analista. Pois, em vez de se depararem com “manuais” a respeito de como lidar com nossos pretensos sentimentos, encontram obras sobre assuntos como lógica formal e linguística estrutural. Na escrivania de seu pai, as últimas anotações que ele fez a respeito das primeiras páginas de uma obra filosófica como *A fenomenologia do espírito*, de Hegel.

O pai abre a porta e se aproxima de seus filhos. Diante disso, o mais novo decide então que não haveria mais como não perguntar ao pai o que é de fato que ele faz com os seus analisantes quando deitam no divã. Antes de o pai ter sequer tempo para responder, o filho mais velho se coloca a esboçar a resposta, claro que com um pouco de ironia na ponta da língua. Na verdade, sua fala é uma conclusão inesperada, a qual considera, de forma radical, as referências do pai presentes na estante. Sendo assim, o mais novo escuta do irmão mais velho que a forma de trabalho do pai não passa de uma “aplicação” bastante parecida com a que ele poderia encontrar na sala de aula toda vez que estuda análise lógica e gramatical. Maneira de assegurar, para quem talvez esperasse análises profundas de nossos submundos emocionais, de que a análise não passa de um trabalho sobretudo intelectualizado, que se volta para as palavras a fim de encontrar os impasses de cada um de nós. O que poderia ser um simples chiste é porém uma epígrafe do prefácio de uma obra dos anos 1970 intitulada *O discurso vivo*, de André Green, que aglutina, de maneira central, um diagnóstico crítico a respeito da psicanálise lacaniana. Inclusive, ao retomá-la na íntegra, podemos ter notícia da reação do filho mais novo depois de escutar seu irmão:

X (10 anos). – Papai, o que é a análise? O que você faz com seus doentes?

Y (seu irmão, 11 anos e ½). – A análise é... a análise. Como você na escola faz análise lógica, análise gramatical, então Papai faz a mesma coisa com seus doentes.

X (*peremptório e um pouco indignado*). – Não senhor! Os homens não são palavras!  
(*Conversa entre os filhos de um psicanalista na presença do pai*).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Green, André. *O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 7, grifos do autor.

Seria difícil não identificar a indignação do filho mais novo como sendo uma enunciação que expressa uma das posições centrais de toda a insurgência de Green diante do horizonte que ele imaginava que Jacques Lacan insistia em desenhar para a psicanálise. Pois o psicanalista egípcio estava convencido de que a psicanálise lacaniana encontrava-se, em última análise, a serviço de resumir os homens às palavras. De maneira rigorosa, é possível dizer que uma das críticas mais importantes de Green reside em uma desconfiança da mobilização da linguagem como paradigma decisivo para a escuta do sofrimento na experiência analítica. Não é por acaso que ele via nessa estratégia uma consequência bastante deletéria, o banimento do afeto. Como resumirá Colette Soler com precisão: “Julgaram Lacan por negligenciar os afetos do sujeito em favor da linguagem e do significante. Juízo ruim, do qual ainda resta o refrão que canta que os lacanianos não conheceriam mais que jogo de palavras e trocadilhos, ignorando o peso do que é instintual [*instinctuel*]”.<sup>2</sup> Assim, é preciso sinalizar que foi tendo em vista tal problemática no interior da psicanálise que esta dissertação foi escrita.

No entanto, em vez de logo partir para uma exposição sofisticada que interroge a forma como a psicanálise lacaniana aborda os afetos, é preciso antes de tudo analisar a crítica de André Green. Isso se justifica por algumas razões. É importante lembrar aqui que trabalhos como *Les affects lacaniens* (“Os afetos lacanianos”, em tradução livre), obra de Soler publicada em 2011, tendem apenas a dizer que Lacan recebeu uma crítica de que negligenciava os afetos sem contudo interrogar as próprias questões e impasses que estão concentrados em um julgamento dessa natureza. O que preocupa é que isso pode causar uma impressão geral de que a crítica é, em última instância, simplória. De todo modo, parece que a resposta é demasiado rápida aos problemas que podem estar aglutinados em uma crítica como essa de que os afetos não participam da metapsicologia lacaniana. Não é por acaso que logo no começo da obra mencionada Soler terá a coragem de dizer que é curioso alguém formular uma crítica assim, pois na França “[...] foi Lacan quem tomou a iniciativa, nos anos 1950, de propor um tipo de questão preliminar a todo tratamento possível dos afetos, e que lançou a polêmica sobre o destino a ser reservado na análise a esse afeto específico que é a frustração de transferência”.<sup>3</sup>

Além disso, se fosse possível explorar a crítica de Green com um pouco mais de vagar talvez descobriríamos que ela está muito longe de simplesmente dizer que Lacan não “cita” nada sobre os afetos. Para além de alguns momentos de pura força retórica, em que Green

---

<sup>2</sup> Soler, Colette. *Les affects lacaniens*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011, p. VI, tradução nossa.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. VI, tradução nossa.

acusa Lacan de estar a serviço de um intelectualismo incapaz de considerar nosso submundo emocional, há todo um desenvolvimento geral sobre alguns dos principais elementos que alicerçam o próprio projeto lacaniano. Um dos mais significativos é sobre o conhecido retorno de Lacan ao pensamento freudiano, sintetizado pelo psicanalista francês por meio de uma afirmação como: “O sentido de um retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud”.<sup>4</sup> Um retorno, contudo, que não deixou de gerar desconfiança, como se Lacan se entregasse de uma vez por todas à formulação da experiência freudiana nos termos de uma verdade que só poderia fazer alguns insistirem na própria desconstrução dela. É o caso, por exemplo, de alguém como Jacques Derrida, que não terá receio algum de dizer que “O retorno [lacaniano] a um Freud filósofo fora, desse ponto de vista, uma regressão ou uma fraqueza”.<sup>5</sup> De forma semelhante, mas sem tanta densidade filosófica, será este também o destino de Green: questionar a leitura lacaniana de Freud de uma tal maneira que nos faça pensar porque Lacan simplesmente “desconsidera” noções como a de “energia”, presente, de forma massiva, no pensamento freudiano. Um pouco como se Green estivesse a nos fazer um questionamento assim: será que essa não seria a maneira lacaniana de banir o afeto da experiência analítica?

É devido à complexidade do que está em jogo que não devemos desqualificar a crítica de Green de forma tão fácil, nem sequer respondê-la sem nos sujarmos com os seus próprios termos. Por isso foi preciso se deixar afetar pela pulsação de suas próprias coordenadas para que uma resposta imanente à sua crítica pudesse realmente advir. O que inclusive acontecerá em nosso trabalho quando Green insinuar que Lacan é incapaz de ser fiel à herança freudiana. É verdade que poderíamos ter questionado o que significa ser fiel ao que se herda. Derrida talvez tenha sido quem conseguiu melhor especular sobre os impasses de ser um herdeiro fiel. Isso é notável, por exemplo, por meio daquilo que o filósofo franco-argelino teve a astúcia de indicar que muitas vezes é preciso “[...] ser infiel por espírito de fidelidade”.<sup>6</sup> No caso de Lacan, será que não se trata de algo muito próximo a uma injunção dessa natureza quando se propõe a ser fiel a Freud? O curioso é que, como veremos, Lacan paga o preço de uma certa fidelidade à herança freudiana no que diz respeito aos afetos, lá onde Green talvez não queira considerar. O que ocorre muitas vezes é que o pensamento freudiano tende a ser mais ambivalente do que inicialmente podemos imaginar, produzindo posições distintas a respeito de um mesmo tema, como no caso do que está em questão aqui.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> Lacan, Jacques. A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 406.

<sup>5</sup> Derrida, Jacques. *Résistances de la psychanalyse*. Paris: Galilée, 1996, p. 65, tradução nossa.

<sup>6</sup> Derrida, Jacques; Roudinesco, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 12.

<sup>7</sup> Inclusive, recentemente houve quem produzisse toda uma especulação em torno da ambivalência freudiana no que diz respeito ao amor. Trata-se de ninguém menos que Judith Butler. A filósofa estadunidense notou muito

Se pudermos completar, é preciso reconstruir os principais pontos a respeito da disputa em torno da herança freudiana, para que possamos compreender o que é que sobre isso importa nos diferentes modos de Green e Lacan considerarem algo como o afeto. Além disso, não há como esquecer que a emergência da crítica de Green ocorre em um momento em que o projeto lacaniano começa a receber juízos provindos do setor expressivo da filosofia francesa contemporânea. Aliás, se conseguíssemos produzir um enunciado geral, poderia se dizer que críticas à psicanálise lacaniana como as de Jean-François Lyotard e Julia Kristeva têm uma estrutura muito semelhante à de André Green. Isso fica mais explícito se dissermos que são posições que interrogam não só os limites do estruturalismo lacaniano, mas sobretudo o que tal forma de pensar renega no que diz respeito ao “plano sensível”.

Tomemos primeiro o exemplo de Lyotard. Não é esse filósofo que também assinará contra uma concepção de “condensação” presente na experiência intelectual lacaniana a partir dos desdobramentos da metáfora sob molde estruturalista? Lyotard não terá nenhum receio de dizer coisas como: “A condensação deve ser entendida como um processo físico pelo qual um ou mais objetos que ocupam um determinado espaço são reduzidos a um volume menor, como é o caso da passagem do estado gasoso para o estado líquido”.<sup>8</sup> Imaginar a condensação como um processo físico dará espaço para se especular que ela consegue inclusive confundir as próprias unidades linguísticas. É notável que encontramos em Green algo muito próximo a isso quando ele tenta fundir condensação e conversão para não reduzir o processo a apenas uma condensação de significantes, mas de afetos também. Afinal de contas, é ele que afirmará coisas como: “Pode-se interpretar a condensação como um mecanismo estrutural do pensamento, estando por isso ligada à metáfora. [...] Observou-se, com razão, que para Freud a condensação aplicava-se, também, a uma transferência e a um acúmulo de cargas energéticas”.<sup>9</sup>

No caso de Kristeva, a coisa não é muito diferente. De certa forma, há aqui uma certa desconfiança em torno do modo lacaniano de pensar a pulsão. O que leva a filósofa búlgaro-francesa a dizer que a tentativa desesperada de eliminar a semiótica da pulsão no interior de um paradigma privilegiado pela linguística estrutural só pode terminar tendo uma

---

bem o seguinte: “Nesse modelo [freudiano], o próprio amor é ambivalente. Por outro lado, ‘amor’, outra designação de ‘Eros’, nomeia somente um polo da ambivalência emocional. Há amor e há ódio. Portanto, ou o amor nomeia a constelação ambivalente de amor e ódio, ou não é mais que um dos polos dessa estrutura bipolar. A própria posição de Freud parece ser ambivalente, talvez produzindo retoricamente mais provas de sua própria afirmação”. Cf. Butler, Judith. *Filosofia política em Freud: guerra, destruição, mania e capacidade crítica*. In: \_\_\_\_\_. *A força da não violência: um vínculo ético-político*. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 128.

<sup>8</sup> Lyotard, Jean-François. *Discours, Figure*. Paris: Klincksieck, 1971, p. 243, tradução nossa.

<sup>9</sup> Green, André. *O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 134.

consequência como: “[...] [a pulsão] é mais uma vez eliminada e o estruturalismo não retém do inconsciente mais que a imagem de um depósito de leis, portanto, de um discurso”.<sup>10</sup> Ou ainda, dirigindo-se mais especificamente à psicanálise lacaniana, Kristeva lembrará que faz parte da tendência desse horizonte no campo analítico julgar a noção de pulsão como inútil. Como ela assinala, “A pulsão é um mito, dizem em substância seus adeptos [da psicanálise lacaniana], já que só temos acesso a ela pela linguagem. Inútil, portanto, falar de pulsão; contentamo-nos em falar da linguagem”.<sup>11</sup> Não há como ignorar que a estratégia de Green é muito similar a esta ao insistir que há um apagamento feito por Lacan do plano econômico. Green jamais poderia aceitar a redução da pulsão à linguagem, principalmente porque quer dar um estatuto metapsicológico ao afeto. Para ele, esse estatuto central só poderia vir por intermédio da pulsão. Nas palavras de Green, “O afeto na concepção psicanalítica só é compreendido por intermédio do modelo teórico da pulsão”.<sup>12</sup>

De qualquer forma, essa aproximação que tentaremos sugerir, mesmo que de forma ainda muito latente, pode produzir uma pergunta crucial do ponto de vista histórico: o que ocorre em solo francês que permite uma constelação de considerações críticas muito próximas em certos aspectos a respeito da psicanálise lacaniana?<sup>13</sup> Esse é um dos ganhos iniciais que poderemos ter com o primeiro capítulo da dissertação (“Um diagnóstico crítico”). Mas não encontraremos apenas isso nele. Será preciso explicitar que mesmo que Lacan não faça inicialmente do afeto um termo metapsicológico central para a experiência analítica não quer dizer, de forma alguma, que sequer o considere. Sendo assim, não há como não se voltar contra alguns juízos de Green de como, por exemplo, a teoria estrutural na psicanálise desconsidera o afeto no sonho. Lacan não só aborda a dor como um afeto quando comenta um sonho freudiano como também tece considerações gerais a respeito da dificuldade que é tomar o afeto como o guia seguro para a interpretação analítica; como deseja, em última instância, André Green.

Aliás, se Green é capaz de identificar que em um primeiro momento Lacan não torna o afeto um termo central para a sua clínica, esqueceu-se no entanto de se interrogar o que é que contribui na experiência histórica que é a de Lacan para que ele tome esse tipo de posição crítica. Desse modo, parece haver uma espécie de *deficit* manifesto no juízo de Green,

---

<sup>10</sup> Kristeva, Julia. *La Révolution du langage poétique*. Paris: Éditions du Seuil, 1974, p. 41, tradução nossa.

<sup>11</sup> Kristeva, Julia. *Sentido e contra-senso da revolta: poderes e limites da psicanálise I*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 78.

<sup>12</sup> Green, André. *O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 85.

<sup>13</sup> Com isso, não estamos dizendo que as críticas dos filósofos pós-estruturalistas a Lacan se equivalem, mas que há uma certa semelhança entre algumas delas e as de Green. Isso é difícil de se desconsiderar.



sobretudo para quem abarca que no interior da forma de se relacionar com uma noção se aglutina, de forma brutal, toda uma experiência histórica. O bloqueio lacaniano em torno de transformar o afeto em um conceito central precisa ser escutado a tal ponto que possamos nos perguntar o seguinte: por que Lacan se recusa a positivar um discurso sobre o afeto para a psicanálise até os anos 1960? Se uma pergunta dessa natureza tivesse guiado Green na sua busca em criticar o projeto lacaniano, talvez o resultado tivesse sido menos infeliz, completamente diferente daquele que acusa Lacan, de forma simples, de fazer da psicanálise um espaço intelectualista.<sup>14</sup>

Restou a nós fazer esse tipo de questão. É isso que justifica o modo como organizamos o segundo capítulo da dissertação (“Para além de uma clínica dual”). Não era mais possível ignorar por completo como em vários momentos Lacan oferece certos indícios do que o leva a não tomar a noção de afeto de forma ingênua. Para dizer bem a verdade, tais índices estão espalhados de maneira fragmentária ao longo de seus seminários e escritos. Nesse contexto, é importante lembrar que uma das principais marcas do ensino lacaniano reside na ampla discussão crítica que Lacan promove das ideias de seus pares, psicanalistas de diversas tradições. Aliás, não seria muito difícil vê-lo como um desconstrutor nesse aspecto. Se centrarmos o foco em pelo menos alguns desses comentários de Lacan, sobretudo em torno da promoção da noção de contratransferência nos anos 1950, ficará claro como ele não pôde, em hipótese alguma, fazer um uso não crítico da mobilização afetiva na experiência analítica. Acima de tudo, isso estava vedado historicamente para Jacques Lacan na primeira década de seu ensino.

Como ainda veremos com vagar, havia psicanalistas que se sentiam autorizados a tecer comentários de como o analisante se sentia. Pior ainda, que usavam seus sentimentos egoicos para produzir interpretações a respeito do analisante na experiência analítica. É preciso dizer com toda a sua força que essa maneira de clinicar forneceu a imagem mais drástica para que Lacan pudesse concluir que ali tínhamos interpretações imaginárias com efeitos bastante deletérios para a direção do tratamento. Poderemos ter ideia disso ao analisarmos algumas ideias e vinhetas clínicas de psicanalistas às vezes ligados ao que ele costumava chamar de “círculo kleiniano”. São vinhetas e ideias comentadas por Lacan, algumas de forma extensa, outras mais pontuais. Escolhemos aquelas a cujos textos comentados conseguimos ter acesso e que colaboravam para o que estamos tentando defender aqui. O que queremos dizer com

---

<sup>14</sup> É verdade que, do nosso lado, há também um *deficit* bastante significativo: teria sido preciso se perguntar porque Green não é capaz de formular algo assim, o que da recepção do projeto lacaniano em solo francês só permitiria o enunciado situacional que ele conseguiu formular. Pesquisas posteriores à que foi empreendida aqui podem dar conta disso de forma sofisticada.

isso é que somos os primeiros a reconhecer que não se trata de uma análise sistemática de todos os comentários que subsidiariam a tese, mas alguns que certamente colaboram para a sua defesa.

Inicialmente, apresentamos um dos primeiros comentários de Lacan em torno do problema de se levar em conta os sentimentos de forma egológica na interpretação produzida na experiência analítica. Ele se encontra no seminário *Os escritos técnicos de Freud*. Ali, Lacan acredita estar fazendo uma reflexão a respeito dos problemas apresentados por Annie Reich, mas se trata, na verdade, de um relato clínico fornecido por Margaret Little. A forma como o psicanalista francês trabalhará a vinheta clínica a respeito da “transmissão de rádio” de um paciente<sup>15</sup> permitirá que ele possa especular uma fórmula que mereceria ser escutada, a de que os sentimentos são sempre para lá de recíprocos. Mesmo que possamos desconfiar hoje em dia da totalidade de uma ideia assim, ela fornece os primeiros indícios de como Lacan terá um diagnóstico bastante explícito em torno da questão dos afetos: a psicanálise de sua época muitas vezes se voltava para eles de uma forma tal que não deixava de transformar a análise em um processo profundamente marcado por um dualismo em nível imaginário.

No segundo caso selecionado, a coisa é um pouco mais complexa do que isso. Trata-se do comentário de Lacan do relato singular de um sonho de um paciente fornecido por uma psicanalista por quem ele nutria uma grande admiração: Ella Sharpe. Lacan não deixa de reconhecer como a psicanalista britânica salienta o aspecto simbólico da cadeia significativa nas associações do paciente. No entanto, a escuta clínica encontra seu bloqueio quando uma tosse do paciente se transforma em um signo avaliado egologicamente pela analista. Um signo da expressão dos sentimentos do paciente. Não poderia ser diferente, uma vez que ela resume o próprio caso clínico para que possa avaliar se as interpretações em análise estão mesmo desimpedindo os afetos “reprimidos” do paciente. Como dirá Sharpe, “[...] só assim se pode avaliar se as interpretações estão ajudando a trazer as atitudes emocionais reprimidas e suprimidas, fantasias ou memórias afetivas para a compreensão consciente”.<sup>16</sup> Mas a pergunta lacaniana é realmente outra diante do relato clínico: como teria se desdobrado o caso se a tosse fosse escutada como uma mensagem do Outro? Dito de outro modo, Sharpe, por ficar à procura da expressão emocional de um paciente que ela julga denegar os sentimentos, fecha a escuta para as relações simbólicas fornecidas pela fala do paciente. Relações que inclusive colaborariam para que se pudesse considerar a própria estrutura fantasmática em que ele se

---

<sup>15</sup> Preferimos usar a expressão “paciente” em alguns momentos porque é assim que determinado círculo de psicanalistas costumavam se referir ao que na psicanálise lacaniana geralmente chamamos de analisante.

<sup>16</sup> Sharpe, Ella. Analysis of a Single Dream. In: \_\_\_\_\_. *Dream analysis: A practical handbook of psychoanalysis*. London: Karnac, 1988, p. 125, tradução nossa.

encontra. Seja como for, de novo encontramos a utilização do campo dos afetos a serviço de interpretações em nível imaginário. O pior é que isso não deixará de aparecer nas questões sobre a contratransferência de autores como Paula Heimann e Roger Money-Kyrle.

No caso deste último, os sentimentos experimentados pelo analista não são apenas instrumentos de guia para a interpretação analítica, como ocorre de forma mais comedida no caso de Heimann, mas são sobretudo “comunicados” ao próprio analisante. Ainda bem que um analisante terá a astúcia de dizer a Money-Kyrle algumas coisas sobre a interpretação sentimental fornecida pelo analista. Como ele mesmo relata, “Sua resposta foi surpreendente. Pela primeira vez em dois dias, ele ficou quieto e pensativo. Ele então disse que isso explicava por que estava tão zangado comigo ontem: ele achava que todas as minhas interpretações se referiam à minha doença e não à dele”.<sup>17</sup> Esta é uma maneira de nos fazer lembrar do problema de se utilizar e de comunicar sentimentos no interior da experiência analítica. Isso que vemos de forma resumida até aqui nos ocupará a ponto de que possamos perguntar o seguinte: como Lacan consegue formular essa crítica à psicanálise de sua época? Não apenas isso, pois há que se questionar também porque a dualidade consegue ser um dos elementos centrais que se repete em tal crítica. Diante disso, caberia também perguntar: por que esse ponto aparece, sob perspectiva lacaniana, na forma como os sentimentos são visados entre analista e analisante enquanto “pessoas”?

Para compreender esse ponto, são necessárias outras condições além das apresentadas até agora. Aliás, a configuração do terceiro capítulo (“Um corpo para os afetos”) se justifica de forma um pouco melhor se tivermos em mente essa questão. Seu tema central é a relação entre afeto e corpo na psicanálise lacaniana. Alguém poderia perguntar qual a exigência de apresentar a especulação de Lacan em torno do corpo em um trabalho a respeito dos afetos. Sobre isso, seria preciso dizer que desde as primeiras considerações a respeito do estádio do espelho Lacan tinha em mente como a constituição corporal trazia no seu bojo uma “falha”: a dualidade entre eu e outro. Como ele dirá, “[...] o sujeito se identifica, em seu sentimento de si, com a imagem do outro, e de que a imagem do outro vem cativar nele esse sentimento”.<sup>18</sup> Uma ideia que será crucial, por exemplo, para explicar de forma clínica algo como a agressividade. No caso do que está em discussão aqui, passar pelo problema do corpo na psicanálise fornece uma boa imagem de como Lacan jamais poderia subscrever a prática

---

<sup>17</sup> Money-Kyrle. Normal counter-transference and some of its deviations (1956). In: Spillius, Elizabeth (Org.). *Melanie Klein Today: Developments in Theory and Practice* (Volume 2: Mainly Practice). London: Routledge, 2005, p. 23, tradução nossa.

<sup>18</sup> Lacan, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 182.

clínica de sua época tendo em vista que a especulação em torno do estádio do espelho já era o recado inicial de que seria preciso buscar um outro caminho para sair dos impasses imaginários de submeter a experiência analítica aos princípios do poder egológico em que pode se encontrar o analista quando pensado como “pessoa”.

Inclusive, esse diagnóstico crítico da dualidade levará Lacan a apontar o seguinte: “[...] o que há de certo é que os sentimentos do analista só têm um lugar possível nesse jogo [o analítico, no caso]: o do morto; e que, ao ressuscitá-lo, o jogo prossegue sem que se saiba quem o conduz”.<sup>19</sup> O que isso quer dizer senão que o analista precisa entrar no jogo destituído ao máximo de sua função egoica para poder colaborar com o surgimento do jogador que é parceiro do analisante? Mas isso é o que não se faz com a contratransferência, que nada mais é do que trazer para a cena analítica o *i'(a)* do analista. Ou seja, o que precisamos indicar é que a visão crítica da contratransferência só foi possível na experiência intelectual de Lacan porque um dia ele especulou a respeito do corpo, daí a importância de esclarecermos o que ele reflete a respeito desse ponto. Fazer isso também ajudará a decompor uma ideia de que Lacan não abordou o corpo. Como ele próprio comentará, “Diz-se que ignoro a existência do corpo. Tenho uma teoria incorpórea da análise. Pelo menos, é isso que descobrem quando ouvem o que articulo aqui de uma certa distância – pois se irradia”.<sup>20</sup> É curioso que esse tipo de julgamento seja produzido, pois desde o estádio do espelho o corpo é um dos sinais de nossa relação com o imaginário, um dos três registros lacanianos. É por jamais ter ignorado algo como o corpo que Lacan consegue situar formulações críticas à produção de interpretações imaginárias na experiência analítica, tais como as que ocorrem com o uso descarado dos sentimentos do analista.

Desse modo, fizemos uma incursão na teoria sobre o estádio do espelho a fim de que pudéssemos ter presente não só que o reconhecimento da imagem de si reverbera no próprio desenvolvimento da criança, mas como essa própria imagem não deixará de produzir o que poderíamos chamar de uma identificação afetiva. A imagem especular que retirará a criança de sua profunda impotência biológica é carregada de um valor afetivo. Mas não só isso, pois essa mesma imagem se transforma em signo da realidade. O que isso pressupõe senão que o sujeito, ao conhecer o mundo, só consegue encontrar sua imagem refletida nos objetos que julga compreender? O que nos deixa, de forma ainda mais explícita, a seguinte questão: se a imagem corporal é pensada nesses moldes, como um analista pode se sentir autorizado a fazer

---

<sup>19</sup> Lacan, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 595.

<sup>20</sup> Lacan, Jacques. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p. 299.

interpretações de cunho sentimental sem colapsar a experiência analítica em um trabalho egoico por parte da “pessoa” do analista?

É verdade que, ao falarmos sobre o corpo a partir da concepção lacaniana, não nos restringimos a apresentar apenas o caráter dual envolvido na produção da imagem corporal. Resolvemos também fazer uma travessia um pouco mais extensa em torno das transformações que o estádio do espelho sofreu ao longo da experiência intelectual de Lacan até meados dos anos 1960. É o que inclusive fará o terceiro capítulo se transformar em uma passagem para desembocar no último ponto a que iremos nos dedicar nesta dissertação. Vejamos o que isso realmente significa. Em primeiro lugar, se o estádio do espelho oferece uma imagem inicial da relação entre corpo e afeto, não há como esquecer que essa ideia mobiliza uma hipótese a respeito da prematuração do homem. Hipótese que não deixa de evocar, mesmo que de forma implícita, noções como as de “natureza” e “desenvolvimento”. Sendo assim, não há como não perguntar se o estádio do espelho não é porventura afetado por algo como um fundo natural.

Em nossa perspectiva, as formulações posteriores ao estádio do espelho são o modo lacaniano de lidar com esse problema que ele mesmo não deixou de identificar que estava imanente à sua primeira ideia em torno do corpo. Lacan, então, precisará recorrer ao modelo óptico para lidar com uma contradição presente no estádio do espelho. As questões envolvendo a óptica permitirão à psicanálise lacaniana a introdução de um espelho bastante específico, o espelho do Outro. Isso tem uma consequência para a nossa forma de pensar os problemas que estão presentes nesta dissertação, pois desnaturaliza, de maneira central, os afetos. O que sentimos diz respeito à significação que o espelho do Outro confere ao nosso próprio corpo. Essa forma de pensar produz uma inserção do Outro na mediação do narcisismo. No entanto, alguém poderia perguntar: e o que acontece quando essa significação não se produz? Para dizer a verdade, é esse o ponto nodal de toda a especulação de Lacan daqui para frente.

Ainda no capítulo a respeito do corpo, entraremos em contato com a metáfora da máquina formal, máquina na qual estamos, digamos assim, “presos”. Pela dialética que ocorre entre sujeito e Outro, essa máquina irá produzir um resto perdido de nós mesmos. Um resto que é a expressão maior de que Lacan simplesmente inverteu o estádio do espelho. Não há mais possibilidade alguma de pensar um corpo despedaçado que ganha uma forma total. Pelo contrário, é a máquina que irá despedaçar o corpo, corpo entendido aqui a partir da metáfora do ovo. De forma poética, é possível dizer que esse ovo se quebra porque um afeto ajudará a produzir as rachaduras na casca. Um afeto que se tornará central para a psicanálise lacaniana: a angústia. A tese que está implícita nessa forma de pensar, e que gostaríamos de sustentar

com mais vigor, é que há toda uma história da angústia para que um dia possamos nos reconhecer como tendo uma unidade corporal imaginária no espelho do Outro. Assim, fica uma questão latente: como pensar uma clínica a partir do ponto em que a angústia motiva as perdas dos objetos para a constituição corporal, em que o sujeito mítico precisa entregar uma parte de si mesmo a fim de determinar qual é o desejo do Outro?

É nesse sentido que iremos perpassar o problema do corpo especular do estádio do espelho para chegar, digamos assim, a um corpo que nos assombra por ter a força de destituir a nossa própria consistência imaginária. Poderíamos dizer que se trata agora de um corpo não especular que Lacan disse ser a sua única invenção na psicanálise. Tal invenção foi nomeada de objeto *a*. Aliás, positivar todo um amplo discurso sobre um afeto em específico não pode deixar de considerar sua proximidade central com esse objeto. Sobre isso, Colette Soler foi quem melhor conseguiu sintetizar o que está em jogo aqui: “[...] [Lacan] faz do afeto da angústia um instrumento epistêmico: ele não o toma apenas como afeto, ele o toma como a via de acesso, a via clínica de acesso à questão do objeto”.<sup>21</sup> Para podermos acompanhar o que significa mobilizar a angústia para se ter acesso ao objeto *a*, dedicamos o quarto capítulo (“A certeza da angústia”) a três eixos principais. É verdade que conseguimos reconhecer que esses eixos são intercambiáveis, eles estão sobretudo relacionados.

O primeiro eixo apresenta a tese lacaniana geral sobre a angústia ser a expressão máxima do desejo do Outro quando em forma de enigma. Para isso, desdobramos com vagar a constituição do sujeito recorrendo à maneira de Lacan conceber o fantasma como tendo, no seu próprio bojo motivador, um desamparo diante da incógnita do desejo do Outro. Devido a isso, há uma margem que nos permite especular como essa ideia pensa o horizonte analítico, como questões como o desejo do analista e a sessão de duração variável levam em conta a fixação em que o sujeito se encontra diante de seu profundo desespero em relação a um objeto que ameaça aparecer na cena fantasmática sem ter nenhuma condição de aparecer, o objeto *a*. Todo o segundo eixo deste capítulo, assim, é a tentativa de expressar a desorganização sofrida pela cena quando um objeto negativo, como é o objeto *a*, ameaça aparecer nela. Desse modo, assinalamos a especulação de Lacan em torno do infamiliar, que nada mais é do que outro nome para o desejo do Outro. Por fim, desdobramos dois objetos, o olhar e a voz, para terminar por ilustrar o que ainda pode significar que a angústia *não é sem* objeto no horizonte desenhado por Lacan para a psicanálise.

---

<sup>21</sup> Soler, Colette. *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: seminário A angústia*, de Jacques Lacan. São Paulo: Escuta, 2012, p. 52.

A conclusão desta dissertação (“O prelúdio da ação”) será um esforço maior, que se voltará para ao menos um desses objetos a fim de tentar reposicionar o que está implícito na discussão de Lacan em torno da angústia. Talvez esperaríamos de um trabalho dedicado aos afetos que ele simplesmente sucumbisse na dimensão egoica a fim de subsidiar sentimentos produzidos lá onde conseguimos situar nossa consistência imaginária. No entanto, tentaremos ao menos indicar que a positivação de um afeto em específico na psicanálise lacaniana guarda em si toda uma reflexão sobre a ação. Em outras palavras, seria difícil não notar como o discurso da angústia promovido por Lacan sinaliza um pensamento sobre o ato. Pois não é ele que fará afirmações como “Agir é arrancar da angústia a própria certeza”?<sup>22</sup> De toda forma, esse ato será a emergência maior não de uma ação de um sujeito dotado de autonomia, mas de um objeto que age em nós a ponto de nos despossuir da condição de próprio. Ideia que nos convida a repensar o que ainda pode significar um termo para lá de desgastado na psicanálise: “ética”.

Como se pode notar até aqui, os dois primeiros capítulos são marcados pelas questões históricas da crítica tanto de Green a Lacan quanto de Lacan à psicanálise de sua época. Os dois últimos têm uma estrutura diferente, apesar de manterem relação com os dois primeiros. No caso do terceiro capítulo, ele ilumina, mesmo que de modo latente, o que permite a Lacan formular a crítica à contratransferência. No que diz respeito ao último capítulo, traz a resposta mais decisiva de Lacan à crítica de que não considerava o afeto na experiência analítica. É verdade que ele já havia feito reflexões pontuais a respeito da afetividade anteriormente, mas nada se compara a todo o desenvolvimento especulativo que promoverá em torno do único afeto que realmente importa à psicanálise lacaniana, a angústia. Essa forma de organizar a dissertação reconhece de antemão que ela não privilegia o que poderíamos chamar de uma tentativa sistemática de apresentar a noção de afeto em Lacan.

Por mais que seja possível circunscrever nosso trabalho dentro de um escopo de problemas históricos e questões conceituais que começam com o jovem Lacan e desaguam no seminário *A angústia*,<sup>23</sup> estamos muito longe de ter apresentado aqui todos os momentos, mesmo que dentro desse tempo histórico selecionado, em que Lacan falou algo sobre o afeto. Não fizemos isso apenas porque seria um pouco difícil no período de um mestrado, a não ser que tomássemos a decisão de diminuir o escopo da obra estudada, mas porque realmente o horizonte escolhido era outro. Um horizonte mais preocupado com a apresentação dos

---

<sup>22</sup> Lacan, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 88.

<sup>23</sup> É possível encontrar uma ou outra citação de Lacan fora desse registro histórico em nosso trabalho. Mas quando isso ocorre, é mais para frisar determinada ideia presente na temporalidade privilegiada por esta dissertação.

impasses que a noção de afeto gerou não só na crítica de Green à psicanálise lacaniana como também na crítica de Lacan à psicanálise de sua época e na sua resposta positiva com a criação de um objeto eminentemente negativo por meio da mobilização da angústia. Isso inclusive fornece uma certa imagem de como a “[...] experiência intelectual [de Lacan] é marcada pela produção plástica de conceitos”,<sup>24</sup> para falar como Vladimir Safatle. Diante disso, alguém poderia imaginar que estamos diante de um psicanalista cujo pensamento é profundamente marcado por relativizações excessivas. Mas esperamos deixar claro como a posição de Lacan sobre os afetos se transforma dependendo do diagnóstico situacional que ele é capaz de formular em determinado momento de sua própria trajetória intelectual.

Para dar voz a esse horizonte de trabalho, recorreremos à forma ensaística, amplamente refletida por alguém como Theodor Adorno. De forma resumida, podemos dizer que essa perspectiva se distancia tanto da forma artística quanto da tendência positivista, pois tenta relacionar análise conceitual e expressão ao abordar um determinado assunto. Como podemos imaginar, se ficássemos hipostasiados na aparência estética, o ensaio acabaria por mimetizar em demasia a arte, esquecendo aquilo que é seu meio específico, os conceitos. Agora, caso seguissemos a apresentação positivista, que contrapõe rigidamente sujeito e objeto, cairíamos em uma forma convencional, “[...] alheia às exigências do assunto”.<sup>25</sup> É por meio da reflexão ensaística que tentamos desenvolver o problema dos afetos na psicanálise lacaniana. E é verdade que algumas das questões com as quais lidamos ao longo da dissertação mantiveram seu caráter por vezes latente, outras, ao contrário, ganharam um estofamento maior. Sobre isso, basta dizer, por enquanto, que a forma ensaística realmente termina onde sente ter chegado ao fim em um determinado momento, “[...] não onde nada mais resta a dizer”.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Safatle, Vladimir. *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 24.

<sup>25</sup> Adorno, Theodor. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 18.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 17.



CONCLUSÃO

*O prelúdio da ação*

O que é que contribui para a produção de uma acusação? Essa pergunta não pode ser desconsiderada em um trabalho que tentou apresentar a crítica de André Green à psicanálise lacaniana. Mesmo que tenhamos tentado ao máximo expressar as questões presentes em seu diagnóstico, há um ponto que talvez mereceria um esclarecimento futuro de nossa parte. É verdade que ele não foi levado adiante nesta dissertação devido ao tempo de permanência no mestrado, mas mesmo assim precisa ser sinalizado. Trata-se, na verdade, de um certo *deficit* de nossa parte ao não termos feito uma questão como: para além da apresentação das justificativas de Green, que subsidiam seu diagnóstico a respeito do projeto lacaniano, será que há também, imanente à sua posição, outros elementos que chegam a contribuir para a recepção por vezes avessa à psicanálise lacaniana? O que estamos tentando apontar é que Green pode também estar trazendo à tona o que se fazia em nome de Lacan na época em que formula seu diagnóstico crítico. Nesse aspecto, teria sido preciso especular em cima da história do movimento lacaniano e dos textos de psicanalistas da época que sustentavam suas ideias a partir do horizonte aberto por Lacan na psicanálise.

É verdade que Green não era alguém totalmente distante de Lacan. Inclusive, frequentou ao menos algumas reuniões dos seminários promovidos por ele. Temos notícias disso, por exemplo, quando encontramos, nas transcrições dos encontros, os debates entre os dois. Em um deles, a respeito da noção de alienação em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan lembrava que Green havia dito certa vez que estávamos chegando próximo da morte do estruturalismo lacaniano, pois Lacan se situava, na verdade, muito mais como filho de Hegel. O psicanalista francês não chegará a concordar inteiramente, preferindo um “Lacan *contra* Hegel”<sup>520</sup> como um enunciado mais próximo da verdade, por assim dizer. Isso terminará por motivar em Green a seguinte afirmação: “Os filhos matam os pais!”<sup>521</sup>. No entanto, a aproximação do ensino lacaniano não significa de todo modo uma frequência assídua aos escritos de Lacan para apresentar suas objeções a respeito de sua experiência intelectual.

Sobre tal aspecto, o próprio Green reconhece isso em *O discurso vivo*: “Não se trata, nos limites deste trabalho, de examinar detalhadamente o sistema teórico de Lacan, baseado em sua concepção de significante”<sup>522</sup>. É verdade que essa obra de Green foi antes de tudo produzida como uma comunicação em Paris, nos anos 1970, para o Congresso dos

---

<sup>520</sup> Lacan, Jacques. *O seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 210, grifo do autor.

<sup>521</sup> *Ibidem*, p. 210.

<sup>522</sup> Green, André. *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 121.

Psicanalistas de Línguas Românicas, não tendo bem o formato de um livro que poderia porventura interrogar o sistema lacaniano com um pouco mais de sofisticação e rigor conceitual.<sup>523</sup> O curioso é que ele não examina detalhadamente uma noção como a de significante em Lacan, mas mesmo assim se sente autorizado a fazer considerações críticas a respeito dela. Inclusive, é isso que contribui para supormos que Green pode estar se incomodando com uma certa concepção corrente de significante, que estava em circulação na época em que formula suas objeções.<sup>524</sup>

Sejamos um pouco mais explícitos. Podemos, por exemplo, discordar de toda a leitura desconstrutiva a respeito da psicanálise lacaniana, promovida por Jacques Derrida. Mas não se pode, em hipótese alguma, dizer que o filósofo franco-argelino não leu com atenção as formulações de Lacan. Aliás, seu escrito mais crítico a Lacan, “O carteiro da verdade”, é permeado por várias notas de rodapé que são, em última instância, bons índices de como Derrida foi um leitor cuidadoso da proposta desenvolvida por Lacan em torno de uma de suas principais teses, a de que a carta sempre chega ao seu destino. No caso de Green, isso não ocorre em *O discurso vivo*, ao menos não quando se propõe a abordar de forma crítica o trabalho de Lacan. O que nos deixa com uma questão muito semelhante à de Mladen Dolar sobre a leitura foucaultiana da psicanálise no projeto de *História da sexualidade*. Dolar chamará a atenção para como o filósofo da arqueologia do saber, sempre às voltas com diversos documentos históricos, foi pouco metucioso com os arquivos quando diziam respeito à psicanálise. Sendo assim, julgará que isso é bastante sintomático, acrescentando o seguinte: “[...] Foucault se engaja com a psicanálise no nível da doxa, da opinião recebida, dos modos como a psicanálise figura no *zeitgeist*, nunca no nível da episteme e do conhecimento”.<sup>525</sup>

---

<sup>523</sup> Green deixa isso explícito nas primeiras páginas de *O discurso vivo*: “Este livro era, originalmente, uma comunicação. Em 1970, apresentei no Congresso dos Psicanalistas de Línguas Românicas, em Paris, uma comunicação sobre um tema que eu propusera pôr em discussão: O afeto. Esse trabalho assumira as dimensões de um livro e, na concepção de muitos, foi considerado como tal. Assim, renasce hoje sob esta forma permitindo a um público mais amplo tomar conhecimento dele. No entanto, uma comunicação não é um livro. Com isto quero dizer que se o projeto inicial tivesse sido escrever um livro, este não teria tido a mesma composição. Daí a natureza um pouco particular deste texto que requer algumas explicações sobre sua origem, seu objetivo, sua forma, sua destinação”. Cf. Green, André. *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 7.

<sup>524</sup> Colabora para essa conclusão se lembrarmos que o próprio Lacan denunciará, no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que a sua teoria do significante não sustenta uma técnica de interpretação que pressuporia o caráter de abertura excessiva do sentido a ponto de qualquer intervenção ser possível. Podemos ter notícia de sua posição por meio de um trecho como: “[...] é falso que se possa dizer que a interpretação, como se escreveu, está aberta a qualquer sentido, sob pretexto de que só se trata da ligação de um significante a um referente e, conseqüentemente, uma ligação louca”. Cf. Lacan, Jacques. *O seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 242.

<sup>525</sup> Dolar, Mladen. *Cutting Off the King’s Head*. In: Bou Ali, Nadia; Goel, Rohit. (Org.). *Lacan Contra Foucault: Subjectivity, Sex and Politics*. London: Bloomsbury, 2018, p. 53, tradução nossa, grifo do autor.

Evocamos tudo isso para tentar formular uma pergunta como: será que não ocorre algo muito semelhante quando Green se propõe a criticar a psicanálise lacaniana em *O discurso vivo*? É o que colabora inclusive para que possamos dizer que há um *deficit* na nossa apresentação da crítica de Green a Lacan, porque ela não buscou saber de forma mais cuidadosa o que se fazia na *doxa* psicanalítica francesa em nome de Lacan. De todo modo, o eixo de trabalho que escolhemos permitiu que se pudesse acompanhar de maneira mais detida as justificativas fornecidas por Green para a produção de seu diagnóstico crítico no que diz respeito ao problema dos afetos na psicanálise lacaniana. É em torno de um desses pontos que gostaríamos de refletir agora. Trata-se da fidelidade de Lacan a Freud. Diante da acusação de Green de que Lacan elimina boa parte do projeto freudiano para tentar incluí-lo no seu próprio pensamento estrutural, seria preciso meditar com mais vagar o que realmente pode significar a produção lacaniana de um retorno à experiência freudiana. Pois não é Lacan quem dirá que “[...] a palavra de ordem de um retorno a Freud significa uma reviravolta”?<sup>526</sup>

O eixo desta afirmação parece se encontrar na tentativa de reposicionar a compreensão a respeito da psicanálise freudiana por meio da insurgência que se expressa na articulação talvez inesperada entre “retorno” e “reviravolta”. Pois, inicialmente, alguém poderia achar que estamos lidando com um projeto profundamente contraditório. Como pode haver uma reviravolta de Lacan se ele se propõe, ao mesmo tempo, a retornar a Freud? Não teria sido mais autêntico de sua parte, se ele quisesse realmente bancar uma reviravolta, ter buscado abandonar de vez a experiência freudiana em nome de algo “novo” para o campo analítico? O advento de indagações dessa natureza exige algumas mediações. Por causa disso, recorreremos a Michel Foucault, que tentou formular algumas notas sobre o que significa produzir um “retorno a”. É verdade que o próprio Foucault reconhece de antemão, quando apresenta suas formulações em torno de como podemos compreender o retorno de alguém ao fundador de um campo nas ciências humanas, que não entregou mais do que notas esparsas sobre o assunto. Nas palavras de Foucault, ele elabora “[...] um trabalho que ainda não existe”.<sup>527</sup> Não se trata, portanto, de uma especulação mais acabada.

Mas isso não quer dizer que esses subsídios iniciais não iluminem muitas coisas. É possível encontrá-los em sua conferência “O que é um autor?”. Em linhas gerais, ao produzir uma reflexão em torno do autor, Foucault tenta especificar sua função ao distingui-lo do proprietário e do responsável pelos textos. Afinal de contas, não é mesmo Foucault o acusado

---

<sup>526</sup> Lacan, Jacques. A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 403.

<sup>527</sup> Foucault, Michel. O que é um autor?. In: \_\_\_\_\_. *Estética: literatura e pintura, música e cinema* (Ditos e escritos, III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 265.

de muitas vezes ter matado o próprio autor? Aqui teria sido preciso segurar um pouco mais as lágrimas, como ele sugere diante das acusações de Lucien Goldmann, de que Foucault se entregava no fundo a um projeto de morte do homem que tentaria esquecer que são eles que fazem a história. Mas, se pudermos completar, diríamos que Foucault tem em mente que o nome do autor funciona muito mais “[...] para caracterizar um certo modo de ser do discurso”.<sup>528</sup> O curioso é que nem todos os discursos são grafados por um nome da mesma forma.

Sobre isso, basta lembrar que os discursos científicos dos séculos XVII e XVIII eram aceitos sem que a função do autor estivesse presente. Dessa maneira, a verdade científica poderia ser estabelecida respeitando seu próprio anonimato. Se há alguma função do autor aqui, ela é, no máximo, para batizar um teorema matemático, por exemplo. Mas, ao contrário disso, os discursos literários só eram aceitos se tivessem realmente a assinatura de alguém que pudesse alçar à condição de autor. É isso que levará Foucault a uma conclusão como: “O anonimato literário não é suportável para nós”.<sup>529</sup> Pergunta-se rapidamente aqui quem é que escreveu determinadas páginas de uma obra literária, em que ano, em que circunstância. Contudo, com a chegada do século XIX, aparece um outro fenômeno na ordem do discurso, que não é bem o dos grandes gênios literários, mas daquilo que um dia ficará conhecido sob a pena de Michel Foucault como fundadores de discursividade (*fondateurs de discursivité*).

O curioso é que para explicar isso, Foucault recorre a um exemplo, o de Freud, que não é visto apenas como alguém que escreveu uma obra de suma importância no século XX, *A interpretação dos sonhos*, mas como alguém que estabeleceu uma possibilidade infinita de discursos que excedem a sua própria obra. Para dizer bem a verdade, ele abre espaço para outra coisa diferente dele, mas que, curiosamente, continua a pertencer ao que ele próprio fundou. É o que Foucault tentará indicar por meio de uma afirmação como:

Dizer que Freud fundou a psicanálise não quer dizer (isso não quer simplesmente dizer) que se possa encontrar o conceito da libido, ou a técnica de análise dos sonhos em Abraham ou Melanie Klein, é dizer que Freud tornou possível um certo número de diferenças em relação aos seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses, que dizem todas respeito ao próprio discurso psicanalítico.<sup>530</sup>

Inclusive, o que Foucault acaba de afirmar coloca uma questão central em um momento como o nosso, em que setor expressivo da psicanálise argentina se entrega de vez a

---

<sup>528</sup> Foucault, Michel. O que é um autor?. In: \_\_\_\_\_. *Estética: literatura e pintura, música e cinema* (Ditos e escritos, III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 273.

<sup>529</sup> Ibidem, p. 276.

<sup>530</sup> Ibidem, p. 281-282.

“desatrear” Freud de Lacan de uma forma tal que não precisaríamos mais recorrer à experiência freudiana na própria psicanálise. Estamos pensando sobretudo em um trabalho como o do psicanalista Alfredo Eidelsztein. Mas se levarmos em consideração a proposta foucaultiana, talvez Freud faça parte do conjunto das modificações que Lacan empreendeu na psicanálise porque foi ele que um dia as tornou possíveis. É verdade que isso tudo ainda não diz quase nada sobre a expressão “retorno a”. Sendo assim, como é possível compreendê-la tendo em vista as especulações de Foucault? É ele quem dirá: “Acredito que se pode designar dessa maneira um movimento que tem sua própria especificidade e que caracteriza justamente as instaurações de discursividade”.<sup>531</sup> Acrescenta-se a isso que é preciso ter havido uma espécie de esquecimento essencial do que, em última instância, “[...] não pode não ser esquecido”:<sup>532</sup> o ato da própria instauração, Freud.

O retorno a esse ato instaurador produzido pelo fundador de uma discursividade é a tentativa de reduzir ao máximo esse esquecimento, que não é simplesmente acidental, pois tem, no seu próprio bojo, uma operação política precisa. Mas alguém que se propõe, de fato, a retornar aos próprios textos de um fundador não faz apenas uma espécie de análise de um saber que poderia ser datado historicamente. Como especificará Foucault, “[...] o reexame dos textos de Freud modifica a própria psicanálise”.<sup>533</sup> Significativamente, é aqui que o retorno colapsa na reviravolta. Aliás, se for realmente isso que ocorre, esse tipo de ideia fornece um espaço para um esclarecimento a respeito de nosso próprio empreendimento nesta dissertação. Muitas vezes a “objeção” era de que não havia experiência. Confessamos desde o início que havia um perigo bastante explícito em positivar de forma rápida uma noção vulgar de experiência, pelo simples fato de considerar que essa atitude gera aquilo mesmo que se gostaria de combater, o que se costuma chamar na psicanálise de idealismo. Como não há até hoje possibilidade alguma de colar as próprias coisas no texto, ocorre uma reificação conceitual ao não se interrogar pelas próprias mediações sobrepostas nos termos que mobilizamos. Talvez este seja hoje o pior idealismo, aquele que esquece, de maneira brutal, que há toda uma experiência histórica aglutinada na produção de um conceito, como tentamos deixar explícito sobre o que está em jogo entre Green e Lacan em torno da noção de afeto.

Se retomarmos nosso assunto principal depois dessa digressão, seria preciso lembrar que Jacques Lacan estava presente na conferência em que Foucault profere suas especulações a respeito do que realmente significa um retorno. Mais do que isso, pois Lacan subscreve as

---

<sup>531</sup> Foucault, Michel. O que é um autor?. In: \_\_\_\_\_. *Estética: literatura e pintura, música e cinema* (Ditos e escritos, III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 284.

<sup>532</sup> Ibidem, p. 284.

<sup>533</sup> Ibidem, p. 285.

palavras de Foucault nesse aspecto. É o que ele tenta indicar por meio da seguinte afirmação: “Retorna-se talvez a muitas coisas, mas, enfim, o retorno a Freud é alguma coisa que eu tomei como uma espécie de bandeira, em um certo campo, e aí eu só posso lhe agradecer; você correspondeu inteiramente à minha expectativa”.<sup>534</sup> Ou ainda: “A propósito de Freud, evocando especialmente o que significa o ‘retorno a’, tudo o que você disse me parece, pelo menos do ponto de vista em que eu pude nele contribuir, perfeitamente pertinente”.<sup>535</sup>

No entanto, um leitor crítico poderia colocar uma questão problemática a partir do que acabou de ser exposto, pois isso que se falou antes sobre “o retorno” e “a reviravolta” não necessariamente precisa ser aplicado apenas a Lacan. Afinal de contas, não serviria também ao próprio André Green no que diz respeito ao afeto? É verdade que essa não é a bandeira explícita de Green, mas não há como simplesmente ignorar que ele também recorre à experiência freudiana para mostrar inclusive que Lacan não considerava as noções freudianas necessárias aos seus olhos para dar valor ao afeto tal como imaginou que um dia Freud realmente o considerou. O que ficou manifesto desde o começo de *O discurso vivo* por meio de uma afirmação de Green como esta: “[...] ‘a descoberta de Freud por Lacan’ (Lacan), dava origem a uma elaboração cujo ponto de chegada evocava mais a ideia de um encobrimento de Freud por Lacan”.<sup>536</sup> O que torna as coisas um pouco mais difíceis. Pois, se for assim, a especulação foucaultiana acaba de nos jogar para uma espécie de impasse.

Se quisermos realmente levar a sério o obstáculo que acabou de ser formulado, ele não poderá ser resolvido de maneira tão rápida, o que não quer dizer que não dê para apresentar, ao menos inicialmente, alguns elementos importantes que colaborariam para uma conclusão em favor do projeto de Jacques Lacan. Em primeiro lugar, Lacan enfrenta, de forma radical, todo um esquecimento, para usar uma expressão heideggeriana presente nas ideias de Foucault sobre o retorno, em torno de uma noção como a de inconsciente. Apesar de Lacan expressar suas ideias de forma barroca, tudo leva a crer, em “A coisa freudiana”, que esse apagamento se deu por diversas razões, entre elas a dos analistas que necessitaram emigrar para os Estados Unidos devido ao estouro da Segunda Guerra Mundial na Europa. Mais do que isso, foi preciso também que a psicanálise praticada em solo estadunidense só fosse aceita caso se assimilasse a esta cultura, o que a transformou no que um dia ficou conhecido por *ego psychology*. Como julgará Lacan, “A conjuntura era forte demais, a oportunidade sedutora

---

<sup>534</sup> Foucault, Michel. O que é um autor?. In: \_\_\_\_\_. *Estética: literatura e pintura, música e cinema* (Ditos e escritos, III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 297.

<sup>535</sup> Ibidem, p. 297.

<sup>536</sup> Green, André. *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 8.

demais para que não se cedesse à tentação oferecida”.<sup>537</sup> Desse modo, resolveu-se simplesmente “[...] apagar os princípios de uma doutrina”<sup>538</sup> em favor da demanda do lucro. Aos olhos de Lacan, nada mais do que se tornar de vez um administrador da alma.

A reviravolta lacaniana começa aqui, considerando criticamente o que ele chama de situação do tempo (*situation de temps*), outra forma de designar a contingência histórica em que se encontra. Mas Green poderia insistir mesmo assim, como inclusive fez, que Lacan é tão fiel a Freud que não usa termos como “energia”, a distinção entre “representação de coisa” e “representação de palavra” etc. Em suma, as noções freudianas mobilizadas por Green para produzir um discurso metapsicológico sobre o afeto para a própria psicanálise. Aqui, é necessário frisar uma coisa que talvez pudesse ser pensada a partir do momento em que Lacan tenta assinalar o que ocorre com o pensamento de Freud. Isso fica explícito por meio de um trecho como: “Muitas contingências entrelaçam-se nessa história, desde que o primeiro som da mensagem freudiana [*message freudien*] repercutiu com suas ressonâncias no sino vienense, para estender ao longe suas ondas”.<sup>539</sup> A ressonância dessa mensagem será profundamente abafada pelos acontecimentos históricos mundiais, pelo horizonte estreito que se produz na entrega da psicanálise em nome de um adaptacionismo do *ego*.

Mas, para compreender nosso ponto, é preciso atentar à forma de Lacan enunciar. Ele não diz que as noções de Freud deixaram de ser totalmente usadas, ele não diz que de uma hora para outra os conceitos do fundador do campo simplesmente sumiram da psicanálise. Na verdade, Lacan está insistindo em outra coisa, a saber, na *mensagem freudiana*. Desse modo, há que se assinalar a diferença brutal do que está em jogo aqui. Pois qualquer bom leitor dos escritos e dos seminários de Jacques Lacan não terá nenhuma dificuldade em concluir que ele está muito pouco preocupado em reativar de modo fácil todo o vocabulário freudiano. Como se o que importasse no final para ser fiel a Freud fosse começar a tagarelar a respeito da sua noção de “energia”, da maravilhosa distinção entre “representação de coisa” e “representação de palavra”. De uma vez por todas, é preciso simplesmente dissolver esse problema mal posto. Lacan jamais foi fiel dessa maneira aos conceitos freudianos, menos ainda aos paradigmas epistemológicos a que Freud teve acesso. Ele é marcadamente fiel à mensagem de Freud, que nada mais é do que o descentramento do sujeito promovido pela psicanálise. Mas, para ser fiel a esta mensagem, muitas vezes Lacan se vê obrigado a não deixar a própria origem conceitual freudiana intacta. Quem melhor conseguiu sintetizar o que ocorre aqui foi

---

<sup>537</sup> Lacan, Jacques. A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 403.

<sup>538</sup> *Ibidem*, p. 404.

<sup>539</sup> *Ibidem*, p. 403.



Jacques Derrida, que afirmou, de forma poética, que às vezes é preciso “[...] ser infiel por espírito de fidelidade”.<sup>540</sup>

Antes de passar para o último problema, que inclusive justifica o título escolhido para esta conclusão, é preciso se voltar novamente para a situação do tempo indicada por Lacan. Afinal, não foi apenas com a *ego psychology* que ele se incomodou. Como tentamos mostrar, há toda uma experiência histórica de problemas clínicos envolvidos na recusa lacaniana em positivar de forma ingênua uma noção de afeto para a psicanálise na primeira década de seu ensino. O principal deles é que a busca pelo afeto na experiência analítica parecia convidar os analistas a se entregarem a interpretações egoicas, bloqueando a possibilidade de escutar as relações simbólicas fornecidas pela própria fala do analisante. Isso que poderia ser inicialmente visto como mais uma simples prática clínica em nome do afeto não deixa de se transformar em algo extremamente problemático para a psicanálise lacaniana. Aliás, Lacan talvez tenha sido o analista que mais soube considerar isso criticamente. Para termos ideia do que está em jogo aqui, podemos lembrar, por exemplo, que, logo na abertura do texto “A direção do tratamento”, ele sinalizou como a experiência analítica marcada pela pessoa do analista por meio de noções como a de contratransferência estava no fundo a serviço do seguinte: “[...] a impotência em sustentar autenticamente uma práxis reduz-se, como é comum na história dos homens, ao exercício de um poder”.<sup>541</sup> Isso pode ser compreendido um pouco melhor se levarmos em conta que esse tipo de práxis declara entender a psicanálise, sem fazer muita cerimônia, como nada mais que a “[...] reeducação emocional [*rééducation émotionnelle*] do paciente”.<sup>542</sup>

Há nisso todo um perigo que não deixou incólume nem mesmo o crítico mais incisivo de Lacan nesse tema. Talvez pudéssemos esperar que esse que se voltou para o problema do afeto na psicanálise estivesse um pouco mais advertido em reduzi-la a uma clínica marcada pela reeducação emocional. Porém, infelizmente Green está longe de não cair no mesmo engodo. Utilizemos este espaço para também frisar uma de suas ideias práticas depois de mobilizar a sua discussão metapsicológica em torno do afeto. Em resumo, ele se entrega a uma ambivalência em torno da reeducação emocional quando começa a dizer coisas como: “É possível, quando se quer, preferir qualquer outra coisa a da distinção maturidade-imaturidade, ou dominação-não dominância. É uma escolha que não concerne

---

<sup>540</sup> Derrida, Jacques; Roudinesco, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 12.

<sup>541</sup> Lacan, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 592.

<sup>542</sup> *Ibidem*, p. 591.

mais ao analista”.<sup>543</sup> É verdade que ele não chega a propor uma espécie de modelo social de controle afetivo, mas algo que julga um pouco mais tênue que isso. Temos notícia de suas ideias clínicas por meio deste trecho:

Tudo o que este [o analista] pode propor [...] [é] a aquisição do poder de analisar que implica o desejo de uma dominação dos afetos. Talvez seja um ideal em desuso. Esta dominação, é necessário dizê-lo, não é um controle afetivo, mas um *jogo* de afetos de tal modo que a influência pelo afeto não seja total, maciça, irreversível.<sup>544</sup>

Se assim for, a psicanálise se transforma novamente em uma clínica cujo horizonte é a ortopedia afetiva, às voltas da busca de determinar a norma para uma “maturidade psíquica”.<sup>545</sup> Não poderia ser diferente para quem estava preocupado com o desenvolvimento do ego, como assinala Green: “[...] é pela dominação dos afetos mais desorganizadores que as fixações mais alienantes podem ser superadas para permitir a busca do desenvolvimento da libido e do ego”.<sup>546</sup> Atrelado a isso, talvez o afeto mais importante para Green seja aquele que pode aparecer no riso que ressoa em nosso cotidiano, na pessoa bem-humorada. Como ele dirá, “Se um afeto pudesse ser designado como valor, este não seria a serenidade olímpica, que quase não impressiona, mas sim o humor”.<sup>547</sup> Green ainda lembra como esse afeto não faltava em Freud. O que não quer dizer que seus seguidores se lembrem disso, afinal, como concluirá: “Aqueles que têm como missão perpetuar sua obra, infelizmente, – desgaste do tempo ou efeitos da seleção – nem sempre podem se prevalecer do mesmo privilégio”.<sup>548</sup> Neste momento, não é possível saber direito qual afeto foi valorizado pelos analistas que tiveram como missão perpetuar a obra freudiana. Mas podemos lembrar, como já indicamos na dissertação, que, no caso de Lacan, esse afeto foi nada menos que a angústia. É em torno de uma questão específica sobre ele na psicanálise lacaniana que gostaríamos de finalizar nosso trabalho.

Tentamos indicar de forma breve, no “Entreato” desta dissertação, que o discurso que Lacan promove sobre a angústia parece guardar em si todo um pensamento implícito sobre a ação. Afinal de contas, não é ele que supõe que “[...] talvez seja da angústia que a ação retira sua certeza”?<sup>549</sup> Em vez de entrar propriamente no tema do ato analítico agora, que envolveria

---

<sup>543</sup> Green, André. *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 186.

<sup>544</sup> *Ibidem*, p. 186, grifo do autor.

<sup>545</sup> *Ibidem*, p. 186.

<sup>546</sup> *Ibidem*, p. 85.

<sup>547</sup> *Ibidem*, p. 187.

<sup>548</sup> *Ibidem*, p. 187.

<sup>549</sup> Lacan, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 88.

de alguma forma apresentar diversas mediações com um pouco mais de cuidado, sinalizar a diferença desse ato na experiência analítica para uma passagem ao ato, para um *acting out*, resolvemos indicar por meio de uma breve nota algo sobre a ação de forma mais geral. Ação que teria alguma relação com esses três atos mencionados antes. Para podermos explicar um pouco melhor essa nota, sugerimos uma última retomada das questões do objeto voz na psicanálise lacaniana. Como já dissemos, elas são feitas principalmente por meio da discussão de Lacan sobre o estudo que Theodor Reik realizou a respeito do objeto ritual judaico *shofar*.

Um dos principais pontos de Reik é levantado no momento em que ocorre o diálogo entre Moisés e Javé. Ele ocorre em meio a um tumulto intenso, que fará Lacan chamar de uma verdadeira tempestade de ruídos. Inclusive, não se trata de qualquer diálogo, mas daquele em que Moisés recebe o que ficaria conhecido como as tábuas dos dez mandamentos. Lembremos que o próprio Reik já havia estranhado que um dos principais diálogos bíblicos tenha ocorrido entre essa turbulência sonora. É com essa desconfiança que ele indaga o seguinte: “É difícil imaginar uma ideia mais grotesca de que Deus conversou com Moisés enquanto o som da trombeta [*shofar*] aumentava de volume”.<sup>550</sup> A indagação reikiana é mais ou menos a seguinte: por que esse som do *shofar* aparece? E além disso que soa, quem o sopra? Como Reik questionará: “O som do chifre fica cada vez mais alto, Moisés fala e Deus responde em voz alta. Por que o ruído que o acompanha? As pessoas veem a montanha fumegante, ouvem o som do chifre e ficam aterrorizadas [*terrified*]”.<sup>551</sup> As pessoas não só ficarão apavoradas como também pedirão a Moisés que ele fale com o povo, não propriamente Deus, pois sua voz não consegue ser compreendida, permanecendo, de forma brutal, indeterminada.

Reik não consegue compreender como o povo ouviu Deus, pois havia apenas o ruído do som do *shofar*. Para poder resolver as contradições inerentes ao fragmento bíblico, ele oferecerá a seguinte conclusão: “[...] essas contradições podem ser resolvidas [...] se assumirmos que o som do chifre é a voz de Deus. [...] Agora podemos entender a frase peculiar, o som do chifre ficava cada vez mais alto, Moisés falava, e Deus respondia com uma voz: o som do chifre é Deus falando”.<sup>552</sup> Se assim for, essa voz aparece em seu caráter separável: estamos aqui perante o objeto voz de que fala Lacan. Aliás, haveria que se decompor toda a ligação fácil entre voz e som na ilustração do *shofar*, mas isso nos levaria para muito longe neste momento. De todo modo, para explicar o que importa para nós aqui basta dizer que o objeto voz é aquilo que desorganiza o campo auditivo, que desarranja a

---

<sup>550</sup> Reik, Theodor. The shofar. In: \_\_\_\_\_. *Ritual Psycho-analytic Studies*. London: Hogarth Press, The Institute of Psychoanalysis, 1931, p. 249, tradução nossa.

<sup>551</sup> Ibidem, p. 250, tradução nossa.

<sup>552</sup> Ibidem, p. 250, tradução nossa.

determinação dos sons para a produção de significado. Dito de outra forma, esse objeto não consegue ser apreendido a partir de uma cadeia significante. Na verdade, ele é o próprio resto dela. Mas um resto que, como vimos na ilustração do diálogo bíblico, *age* na relação entre o povo e Deus, entre sujeito e Outro. Um objeto produz a angústia que deixará o povo apavorado, pois ele está diante de algo destituído da possibilidade inicial de imaginarização. Isso só aconteceria se ele conseguisse determinar esse resto, dizer o que o objeto *é*. No entanto, a voz lhe escapa sem ao mesmo tempo deixar de agir na relação entre os que permanecem na cena.

Diante disso, alguém poderia indagar: como devemos abarcar a ideia segundo a qual é um objeto como a voz que age na relação entre o sujeito e o Outro? Se somos atravessados por um objeto que nos afeta, o que dizer da agência da autonomia a supostamente permear nossas ações? Pois não defendemos que na psicanálise lacaniana é o sujeito que age, frisamos que é, na verdade, o objeto que afeta. O que isso quer dizer senão que a ação, ao menos nesse ponto específico, não é a de um indivíduo dotado de consciência para deliberar a respeito do que pratica, mas de um objeto heterônomo que nos destitui da consistência imaginária para nos convidar a uma despossessão da condição de próprio.<sup>553</sup> Isso não deixa de criar certos problemas para quem gostaria de refletir de forma sofisticada sobre a “ética”. Pois conceitos centrais neste campo como os de “liberdade”, “autonomia” e “responsabilidade” precisariam se metamorfosear tendo em vista que o pressuposto metafísico que os sustenta geralmente parte de uma certa ideia de sujeito. De qualquer forma, essa questão permanece em aberto. O que podemos concluir é que, nas reflexões de Lacan, o discurso sobre a angústia leva a situar esse afeto como distante da produção de sentimentos imaginários. Na verdade, a angústia na psicanálise lacaniana faz um verdadeiro convite a um pensamento sobre a ação dos objetos. Resta saber se um dia estaremos realmente dispostos a tirar todas as consequências radicais disso.

---

<sup>553</sup> Cabe aqui apenas sinalizar que essa forma de pensar o objeto voz traz uma objeção ao argumento de Jacques Derrida sobre o fonocentrismo de maneira geral, principalmente quando ele se propõe a discutir a autoafecção. Dito de maneira explícita, o objeto voz na psicanálise lacaniana é aquilo que dissolve qualquer ilusão de autoafecção. Em breve, será publicado um ensaio, intitulado “O objeto voz: afecção entre angústia e culpa”, em que tentamos desenvolver isto de forma mais sofisticada.

## REFERÊNCIAS

- Adorno, Theodor. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.
- Arantes, Paulo. Hegel no espelho do Dr. Lacan. In: \_\_\_\_\_. *Formação e desconstrução: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2021. p. 241-277.
- Badiou, Alain. *Lacan: anti-philosophy 3*. Tradução de Susan Spitzer. Nova York: Columbia University Press, 2018.
- Boothby, Richard. *Freud as philosopher: Metapsychology after Lacan*. Routledge: Nova York, 2001.
- Butler, Judith. Filosofia política em Freud: guerra, destruição, mania e capacidade crítica. In: \_\_\_\_\_. *A força da não violência: um vínculo ético-político*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 121-142.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- Cameron, Olga; Owens, Carol. *Studying Lacan's Seminar VI: Dream, Symptom, and the Collapse of Subjectivity*. Londres, Nova York: Routledge, 2021.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34.
- Derrida, Jacques. *Résistances de la psychanalyse*. Paris: Galilée, 1996.
- Derrida, Jacques; Roudinesco, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- Dews, Peter. *Logics of disintegration: Post-structuralist thought and the claims of critical theory*. London, New York: Verso Books, 1987.
- Dolar, Mladen. Cutting Off the King's Head. In: Bou Ali, Nadia; Goel, Rohit. (Org.). *Lacan Contra Foucault: Subjectivity, Sex and Politics*. London: Bloomsbury, 2018. p. 45-62.
- Dunker, Christian. *Por que Lacan?*. São Paulo: Zagodoni, 2016.

Eidelsztein, Alfredo. *O grafo do desejo*. Tradução de Alba Escalante, Cláudio Barra, Hebertt de Almeida Vasconcelos Vale e Nayara de Faria Sousa. São Paulo: Toro Editora, 2017.

\_\_\_\_\_. *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*. Tradução de José Luiz Caon. São Paulo: Toro Editora, 2018.

Fink, Bruce. *Introdução clínica à psicanálise lacaniana*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

Foucault, Michel. O que é um autor? In: \_\_\_\_\_. *Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos, III)*. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

Freud, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). In: \_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 108-121.

\_\_\_\_\_. O infamiliar. In: \_\_\_\_\_. *O infamiliar [Das Unheimliche], seguido de O Homem da Areia*. Tradução de Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 27-125.

\_\_\_\_\_. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: \_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-123.

\_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 4: A interpretação dos sonhos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. O inconsciente (1915). In: \_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 99-150.

Gallop, Jane. Where to Begin? (“The mirror stage”). In: \_\_\_\_\_. *Reading Lacan*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1985. p. 74-92.

Green, André. Against Lacanism: A conversation of André Green with Sergio Benvenuto. [Entrevista concedida a Sergio Benvenuto]. *Journal of European Psychoanalysis*, n. 2,

1995-1996. Disponível em: <<http://www.psychomedia.it/jep/number2/greenbenv.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

Green, André. *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Tradução de Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

Harari, Roberto. *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan*. Tradução de Marta M. Okamoto, Luiz Gonzaga B. Filho. São Paulo: Papyrus, 1990.

\_\_\_\_\_. *¿Que dice del cuerpo nuestro psicoanálisis?: problemáticas de índole clínica, metapsicológica y de inserción del psicoanálisis en la polis*. Buenos Aires: Letra Viva, 2012.

\_\_\_\_\_. *O seminário “a angústia”, de Jacques Lacan: uma introdução*. Tradução de Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

Heimann, Paula. On counter-transference. In: Furman, Andrew; Steven, Levy (Orgs.). *Influential Papers from the 1950s: Papers from the Decades in International Journal of Psychoanalysis*. London: Karnac, 2003. p. 27-34.

Johnston, Adrian. The Freudian Thing, or the Meaning of the Return to Freud in Psychoanalysis. In: Hook, Derek; Neill, Calum; Vanheule, Stijn (Orgs.). *Reading Lacan's Écrits: From ‘Signification of the Phallus’ to ‘Metaphor of the Subject’*. London, New York: Routledge, 2019. p. 6-66.

Kesel, Marc De. *Eros and ethics: reading Jacques Lacan's Seminar VII*. Albany: SUNY Press, 2009.

Kristeva, Julia. *La révolution du langage poétique*. Paris: Éditions du Seuil, 1974.

\_\_\_\_\_. *Sentido e contra-senso da revolta: poderes e limites da psicanálise I*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Krymkiewicz, Martin. Modelos energéticos en psicoanálisis: diferencias entre Sigmund Freud y Jacques Lacan. *Affectio Soc.*, Medellín, v. 12, n. 22, p. 59-69, jan.-jun. 2015.

Lacan, Jacques. A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 402-437.

\_\_\_\_\_. Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 350-358.

Lacan, Jacques. A agressividade em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 104-126.

\_\_\_\_\_. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 29-90.

\_\_\_\_\_. De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité. In: \_\_\_\_\_. *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001. p. 351-360.

\_\_\_\_\_. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 537-590.

\_\_\_\_\_. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 591-652.

\_\_\_\_\_. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

\_\_\_\_\_. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 152-194.

\_\_\_\_\_. *A identificação: seminário 1961-1962*. Tradução de Ivan Corrêa, Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

\_\_\_\_\_. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 653-691.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.



Lacan, Jacques. *O seminário, livro 8: a transferência (1960-1961)*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Tradução de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. *Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. Some reflections on the ego. In: Furman, Andrew; Steven, Levy (Orgs.). *Influential Papers from the 1950s: Papers from the Decades in International Journal of Psychoanalysis*. London: Karnac, 2003. p. 293-306.

\_\_\_\_\_. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 807-842.

\_\_\_\_\_. Televisão. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 508-543.

\_\_\_\_\_. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 197-213.

Little, Margaret. Counter-transference and the patient's response to it. In: Furman, Andrew; Steven, Levy (Orgs.). *Influential Papers from the 1950s: Papers from the Decades in International Journal of Psychoanalysis*. London: Karnac, 2003. p. 35-53.

Lyotard, Jean-François. *Discours, Figure*. Paris: Klincksieck, 1971.

Miller, Jacques-Alain. Introdução à leitura do Seminário da angústia de Jacques Lacan. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Edições Eólia, n. 43, p. 07-91, maio 2005.

Money-Kyrle, Roger. Normal counter-transference and some of its deviations (1956). In: Spillius, Elizabeth (Org.). *Melanie Klein Today: Developments in Theory and Practice* (Volume 2: Mainly Practice). London: Routledge, 2005. p. 19-28.

Porge, Erik. *Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino*. Tradução de Cláudia Thereza de Lemos, Nina Leite e Viviane Veras. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

Rabinovich, Diana. *La angustia y el deseo del Otro*. Buenos Aires: Manantial, 1993.

Reich, Annie. On counter-transference. In: Furman, Andrew; Steven, Levy (Orgs.). *Influential Papers from the 1950s: Papers from the Decades in International Journal of Psychoanalysis*. London: Karnac, 2003. p. 95-108.

Reik, Theodor. The shofar. In: \_\_\_\_\_. *Ritual Psycho-analytic Studies*. London: Hogarth Press, The Institute of Psychoanalysis, 1931. p. 221-361.

Roudinesco, Elisabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Safatle, Vladimir. *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

\_\_\_\_\_. *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

\_\_\_\_\_. *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

\_\_\_\_\_. A teoria das pulsões como ontologia negativa. *Discurso*, São Paulo, n. 36, p. 151-192, jun. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38076>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Safouan, Moustapha. *Lacaniana I: os seminários de Jacques Lacan 1953-1963*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

\_\_\_\_\_. *Le transfert et le désir de l'analyste*. Paris: Le Seuil, 1988.

Sharpe, Ella. Analysis of a Single Dream. In: \_\_\_\_\_. *Dream analysis: A practical handbook of psychoanalysis*. London: Karnac, 1988. p. 125-148.

Sloterdijk, Peter. O estágio das sereias. In: \_\_\_\_\_. *Esferas I: bolhas*. Tradução de José de Oscar Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016. p. 433-484.

Soler, Colette. *Declinações da angústia: curso 2000-2001*. Tradução de Sonia Maria Coni Campos Magalhães. São Paulo: Escuta, 2012.

\_\_\_\_\_. *O em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002*. Tradução de Graça Pamplona, Sônia Magalhães, Cícero Oliveira e Elisabeth Saporiti. Salvador: Ágalma, 2019.

\_\_\_\_\_. *Les affects lacaniens*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

\_\_\_\_\_. *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: seminário A angústia, de Jacques Lacan*. Tradução de Elynes Barros Lima, Lia Carneiro Silveira, Sonia Maria Coni Campos Magalhães. São Paulo: Escuta, 2012.

Žižek, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. *Interrogando o real*. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

